

Doria desiste de candidatura e abre nova disputa no PSDB



João Doria se prepara para anunciar que desistiu da candidatura à Presidência da República. Eduardo Kragg/Folhapress

Doria desiste de candidatura à Presidência após ficar isolado no PSDB

Ex-governador paulista, o tucano alegou que não tinha apoio da cúpula do seu partido e que abandonou a disputa 'com o coração ferido'

Carolina Linhares e Joëlmit Tavares

SÃO PAULO O ex-governador de São Paulo João Doria (PSDB) anunciou nesta segunda (23) que desistiu de sua pré-candidatura ao Palácio do Planalto, cedendo a pressões da cúpula do seu partido, que pretende anunciar apoio à senadora Simone Tebet (MDB-MS) e consolidar uma candidatura única da chamada terceira via.

"Me retiro da disputa com o coração ferido, mas com a alma leve. Saio com sentimento de gratidão e a certeza de que tudo o que fiz foi em benefício de um ideal coletivo, em favor dos paulistanos, dos paulistas e dos brasileiros", disse em seu discurso.

"Hoje, serenamente, entendo que não sou a escolha da cúpula do PSDB. Aceito esta realidade com a cabeça erguida. Sou um homem que respeita o bom senso, o diálogo e o equilíbrio. Sempre busquei e seguirei buscando o consenso, mesmo que ele seja contrário à minha vontade pessoal. O PSDB saberá tomar a melhor decisão no seu posicionamento para as eleições deste ano", afirmou.

"Seguirei como observador sereno do meu país. Sempre à disposição de lutar a guerra para a qual eu fui chamado. Na vida pública ou na vida privada. Que Deus proteja o Brasil", concluiu Doria.

O anúncio, feito em tom grave, na casa alugada para sua comitê de campanha, contraria a postura de Doria e aliados, que vinham negando a possibilidade de abrir caminho para a emedebista.

Dirigentes do PSDB não acreditavam que haveria acordo com Doria e apostavam até na judicialização do embroglio. O tucano chegou a sinalizar que buscaria a Justiça Eleitoral para garantir que o PSDB lhe desse legenda com base no fato de ter vencido prévias em novembro passado.

Doria afirmou nesta segunda que "o Brasil precisa de uma alternativa para oferecer aos eleitores que não querem os extremos", em estocada nos líderes das pesquisas,

Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL). "Peço desculpas pelos meus erros. Se me excedi, foi por vontade de acertar. Se exagerei, foi pela pressa em fazer com perfeição. Se acelerei foi pela urgência que as ações públicas exigem", disse o tucano, que exaltou realizações de seu governo, como a viabilização de vacinas contra a Covid-19.

Doria relembrou sua história na política e na iniciativa privada, citando o pai, João Doria, deputado federal cassado no golpe militar de 1964. Ele discursou com um painel da bandeira do Brasil ao fundo e acompanhado pelos aliados mais próximos e pela esposa, Bia Doria. Foi bastante aplaudido por correionários e chorou ao fim da fala de cerca de dez minutos.

Outros aliados e membros da equipe de pré-campanha também choraram, como o tesoureiro do PSDB, César Gontijo. Além da esposa, o ex-governador estava acompanhado do presidente do PSDB, Bruno Araújo; do líder do partido na Câmara, Adolfo Viana (PSDB-BA); dos presidentes do PSDB estadual, Marco Vinholi, e municipal, Fernando Alfredo; dos prefeitos Orlando Morando (São Bernardo do Campo) e Luiz Fernando Machado (Jundiaí); do ex-ministro Antônio Imbassahy e outros aliados.

Após o pronunciamento, Araújo afirmou que a decisão do ex-governador comprova que ele não colocou seu projeto pessoal acima do país e disse que o tucano terá o papel que quiser nestas eleições.

Araújo indicou que o partido dará seguimento à coligação com MDB e Cidadania, mas evitou dizer que Tebet já está escolhida, embora esse seja o acordo entre os partidos. O dirigente afirmou que o PSDB deve indicar um vice para a chapa.

O presidente do PSDB disse que a discussão sobre ter uma candidatura própria tucana, algo ainda defendido em parte do partido, está suspensa e defendeu a coligação com o MDB. A se manter a indicação do presiden-

te tucano, o partido não terá candidato a presidente pela primeira vez desde a redemocratização.

MDB, PSDB e Cidadania têm um acordo para lançar uma candidatura única da terceira via — e, na semana passada, uma pesquisa encomendada pelos partidos indicou que a emedebista era mais viável do que o tucano.

Depois do anúncio do tucano, Tebet divulgou nota afirmando que "Doria nunca foi adversário, sempre foi aliado".

Enquanto aliados no meio político se dividiram entre lamentos e elogios a um suposto desprendimento de Doria, opositores ironizaram e também celebraram a derrocada.

O presidente Jair Bolsonaro ironizou em rede social: "Comunico que estou abrindo mão da disputa do cinturão dos pesos médios no UFC".

Bolsonaristas relembrou restrições impostas pelo governo paulista na pandemia para fustigar o tucano. O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) disse que, ao desistir, "Doria mostra que a conta do autoritarismo é impopularidade".

A deputada federal Joice Hasselmann (SP), que foi para o PSDB, convite do ex-governador, disse que "perde o Brasil" com a saída, e "os extremos, por hoje, comemoram". O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes (PSB-RJ), elogiou o governo do tucano: "Tem meu respeito".

Apesar de Doria ter vencido as prévias do PSDB em novembro, a cúpula do partido vinha tentando derrubar sua pré-candidatura pelo acordo firmado com MDB e Cidadania.

Além disso, Doria enfrentou concorrência do ex-governador gaúcho Eduardo Leite (PSDB), que ensaiou uma pré-campanha presidencial apesar de derrotado nas prévias.

Até aliados de Doria admitiam que sua pré-candidatura havia ficado insustentável depois que mesmo a bancada paulista do PSDB, que o apoiou nas prévias, passou a operar contra o ex-governador.

Tucanos afirmam que isso incluiu o atual governador, Rodrigo Garcia (PSDB), que em entrevistas recentes defendeu o acordo com o MDB e uma candidatura competitiva da terceira via.

Após campanha de Rodrigo vem tentando se descolar de Doria. Já auxiliares do governador negam que ele faça parte de uma conspiração contra o antecessor.

Rodrigo, que não estava presente no anúncio desta segunda, foi mencionado por Doria de maneira cordial. Ele disse que o atual ocupante do Palácio dos Bandeirantes "será, com muita justiça, reeleito governador de São Paulo".

Em rede social, Rodrigo escreveu que Doria "demonstra seriedade e despreendimento com a decisão".

Continua na pág. A5

CANDIDATOS DO PSDB DESDE 1989

1989 Mário Covas

1994 Fernando Henrique Cardoso

1998 Fernando Henrique Cardoso

2002 José Serra

2006 Geraldo Alckmin

2010 José Serra

2014 Aécio Neves

2018 Geraldo Alckmin



Desistência do tucano abre a corrida pelo espólio do PSDB

Partido deverá ser linha auxiliar de aliados e focar na disputa de SP este ano

ANÁLISE

Igor Gielow

SÃO PAULO A implosão da candidatura do ex-governador João Doria (SP) encerra uma era no PSDB, que assistirá agora a uma luta entre seus caciques remanescentes pelo espólio daquele que já foi o partido mais importante do país.

A natureza do embate será central para o futuro da sigla, que nesta eleição tenderá a ver seu papel federal reduzido ao de linha auxiliar de aliados. Se quiser sobreviver, terá de apostar todas as fichas na manutenção de sua fortaleza paulista, que comanda desde 1995—incluindo dois breves interregnos com vices aliados que assumiram o governo.

Símbolo do estado das coisas é o fato que essa disputa será tocada por Rodrigo Garcia, que construiu toda sua carreira no DEM, antigo PFL, e só entrou no tucano dentro de um esquema de conveniência após o seu partido entrar em colapso no começo do ano passado.

O atual governador paulista tem uma árdua tarefa pela frente, precisando desbancar Márcio França (PSB) e Tarcísio de Freitas (Republicanos) para buscar a disputa do segundo turno com Fernando Haddad (PT), a seguir o desenhos político atual.

Não será fácil, apesar de algumas vantagens competitivas de quem tem a caneta na mão e é desconhecido, logo pouco rejeitado.

Na equação do governador há a parceria entre Palácio dos Bandeirantes e a Prefeitura de São Paulo, que Ricardo Nunes (MDB) herdou do falecido Bruno Covas (PSDB), e a proximidade com o União Brasil, megapartido que uniu o seu DEM de origem e o PSL.

Para o entorno de Rodrigo, a candidatura ideal a ser apoiada pelo PSDB é a da senadora Simone Tebet (MDB-MS). O presidente tucano, Bruno Araújo, só faltou anunciar a adesão a ela em entrevista após o pronunciamento de Doria no seu comitê de campanha em São Paulo.

Ela não traria para a sua campanha nenhum resquício da rejeição associada a Doria, que dispensou mesuras a Rodrigo na sua fala derradeira que não refletiu o que seus aliados falam do ex-vice.

O clima entre ambos nunca foi o mesmo após a ameaça do então governador de permanecer na cadeira quando percebeu que sua pretensão presidencial estava longe de ser garantida, apesar de ter vencido as prévias em 2021.

Contra essa aliança entre Rodrigo e Araújo concorrem outros grupos tucanos. A velha guarda do partido até admite o apoio a Tebet.

Mas conta discretamente com que ao fim o MDB não lhe conceda a legenda. Algo semelhante se vê no grupo parlamentar associado ao deputado Aécio Neves (MG), adversário de Doria que passou a defender uma candidatura própria, ainda que inócua.

No fundo, o que está em jogo é o controle do partido, que encerra uma era aqui. O PSDB, que governou o Brasil de 1995 a 2002 e concentra uma grande quantidade de formuladores econômicos e de políticas públicas em sua órbita, ainda tem peso relativo. Comanda a quarta maior fatia do Fundo Eleitoral, R\$ 380 milhões.

[...]

É discutível se uma atitude mais política teria gerado resultado diferente. O argumento de aliados e adversários reside nisso, já que tecnicamente Doria tinha a faca de um governo considerado eficaz e o queijo da vacina na mão para apresentar

Elegeu o quarto maior rol de prefeitos em 2020. Já no Congresso, encolheu, hoje tendo apenas 22 deputados.

A decadência de sua influência política já havia ficado evidente quando Geraldo Alckmin amealhou 4,76% dos votos numa eleição presidencial que pedia uma candidatura com o perfil de Doria, em 2018. Coube ao tucano eleito governador paulista naquele ano carregar a bandeira do partido.

Não foi um processo bem-sucedido pelos erros e o voluntarismo de Doria, associados à resistência que ele sempre recebeu na sigla e de aliados. Apesar de filiado há anos, ele nunca foi visto, nem quis ser, um quadro partidário. Após emergir na esteira do antipetismo de 2016, flertou com o bolsonarismo em 2018 só para virar o maior antipeta estadual do presidente.

É discutível se uma atitude mais política teria gerado um resultado diferente. O argumento central de aliados e adversários reside, contudo, nisso, já que tecnicamente Doria tinha a faca de um governo considerado eficaz e o queijo da vacina na mão para apresentar ao país. De fenômeno eleitoral a patinho feio, o arco narrativo do tucano ainda será objeto de muito estudo.

Sua desistência ocorreu ao longo do fim de semana.

Ficou claro para o ex-governador que a Executiva Nacional do PSDB iria defenestrá-lo de forma menos digna caso ele insistisse na postulação. Alguns aliados defendiam a judicialização do caso, com o argumento de que as prévias tucanas vencidas pelo paulista seriam soberanas, mas a avaliação foi de que o desgaste seria grande e inútil.

Doria chegou a anunciar a hipótese por meio de uma carta do advogado Arthur Rollo. Ele esperava o apoio do PSDB paulista e de Rodrigo, mas o próprio governador disse ao ex-chefe no dia seguinte à divulgação do documento que o gesto havia feito a Executiva fechar questão contra a candidatura.

Com isso e com o encamionamento de Tebet como o nome preferido por Araújo e Cidadania, na quarta passada (18), foi apenas uma questão de maturação do anúncio da desistência. Rodrigo e o dirigente tucano são nomes proscritos por ora nos círculos ainda fiéis a Doria.

Se o futuro do PSDB é o de disputa, o de Doria é uma incógnita. Houve quem falasse numa candidatura ao Senado, embora a praxia legislativa não seja a dele, além de que a ideia seria bombardeada imediatamente pelo entorno de Rodrigo. Outros citam a hipótese de volta ao páreo em 2026, quando o tucano fará 68 anos.

João Doria vivia a contradição de ser a face pública de um tucano que nunca o apoiou de forma consensual.

Conhecido pela obstinação, concedeu a pior derrota de sua carreira nesta segunda (23), mas já disse que segue no partido e na vida pública. Se houver um PSDB para abri-la, esta é outra questão.

Continuação da pág. A4

Na última terça (17), a maior parte da executiva do PSDB avaliou que Doria prejudicaria os demais candidatos do partido, ampliando a pressão para que desistisse—algo que seus aliados sempre negaram. Ele já havia ameaçado desistir de concorrer ao Planalto—em 31 de março, chegou a dizer que não renunciaria ao Governo de São Paulo, prejudicando os planos de Rodrigo. Se parte do PSDB defende o apoio a Tebet, outra ala ainda prega uma candidatura própria—desde que não seja a de Doria. Os nomes de Leite e do senador Tasso Jereissati (CE) são cogitados para as hipóteses de vice de Tebet ou candidatura própria tucana.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 4 e 5